

**OS DESEJOS ADORMECIDOS NAS NOTAS DE CAMPO: ESTUDO SOBRE O
PENSAMENTO BIOLÓGICO EM CURRÍCULOS DO YOUTUBE**

***DESEOS DORMIDOS EM NOTAS DE CAMPO: UM ESTUDIO DEL PENSAMIENTO
BIOLÓGICO EM LOS CURRÍCULOS DE YOUTUBE***

***SLEEPING DESIRES IN FIELD NOTES: A STUDY ON BIOLOGICAL THINKING IN
YOUTUBE CURRICULA***



Matheus Reis DANTAS¹
e-mail: rdantasmateus@gmail.com



Lívia de Rezende CARDOSO²
e-mail: livinha.bio@gmail.com

Como referenciar este artigo:

DANTAS, Matheus Reis; CARDOSO, Lívia de Rezende. Os desejos adormecidos nas notas de campo: Estudo sobre o pensamento biológico em currículos do YouTube. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023010, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18181>



| Submetido em: 15/02/2023
| Revisões requeridas em: 22/04/2023
| Aprovado em: 11/06/2023
| Publicado em: 01/08/2023



ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED). Professor de Ciências da Natureza na Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL).

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED).

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a produção dos desejos da natureza em currículos do YouTube. Os currículos são práticas discursivas que constroem representações sobre desejos, gêneros, sexualidades e corpos, afetando formas de existência marcadas por abjetificação e normatização. Utilizando abordagem netnográfica e análise do discurso inspirada em Foucault, investigo o “Tinder da Natureza” e os possíveis *matches* nessa rede intensificadora de relações. O discurso biológico reforça coerências e fluxos unidimensionais de desejo, enraizados em uma estrutura governamental cisheteropatriarcal ou de dominação sexopolítica. A heteronormatividade é identificada nos esforços contínuos que retratam a natureza como uma tecnologia que engloba apenas performances de machos e fêmeas, monogamia, competições e consumo excessivo de energia para encontrar um/a parceiro/a sexual. Portanto, é necessário pensar em composições curriculares que transcendam a cisheteronormatividade punitiva e culpabilizadora, pois os conhecimentos divulgados nos vídeos analisados legitimam movimentos conservadores, como a “ideologia de gênero” e o discurso religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Desejos da natureza. Pedagogia queer. Currículos do YouTube. Netnografia. Sexopolítica.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar la producción de los deseos de la naturaleza en los currículos de YouTube. Los currículos son prácticas discursivas que construyen representaciones sobre deseos, géneros, sexualidades y cuerpos, afectando a formas de existencia marcadas por la abyección y la normalización. Utilizando un enfoque netnográfico y un análisis del discurso inspirado en Foucault, investigo el “Tinder de la Naturaleza” y las posibles coincidencias en esta red intensificadora de relaciones. El discurso biológico refuerza las coherencias y los flujos unidimensionales del deseo, enraizados en una estructura gubernamental cisheteropatriarcal o en la dominación sexopolítica. La heteronormatividad se identifica en los esfuerzos continuos que retratan la naturaleza como una tecnología que abarca sólo las actuaciones masculinas y femeninas, la monogamia, las competiciones y el consumo excesivo de energía para encontrar una pareja sexual. Por lo tanto, es necesario pensar en composiciones curriculares que trasciendan la cisheteronormatividad punitiva y culpabilizadora, ya que los conocimientos difundidos en los videos analizados legitiman movimientos conservadores, como la “ideología de género” y el discurso religioso.

PALABRAS CLAVE: Deseos de la naturaleza. Pedagogía queer. Planes de estudios en YouTube. Netnografía. Sexopolítica.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the production of the desires of nature in YouTube curricula. Curricula are discursive practices that construct representations about desires, genders, sexualities and bodies, affecting forms of existence marked by abjection and normalization. Using a netnographic approach and discourse analysis inspired by Foucault, I investigate “Nature's Tinder” and the possible matches in this relationship-enhancing network. The biological discourse reinforces coherences and one-dimensional flows of desire, rooted in a cisheteropatriarchal governmental structure or sex-political domination. Heteronormativity is identified in ongoing efforts that portray nature as a technology encompassing only male and female performances, monogamy, competitions, and excessive energy consumption to find a sexual partner. Therefore, it is necessary to think of curricular compositions that transcend the punitive and blaming cisheteronormativity, since the knowledge disseminated in the analyzed videos legitimizes conservative movements, such as the “gender ideology” and the religious discourse.

KEYWORDS: Desires of nature. Queer pedagogy. YouTube curricula. Netnography. Sexopolitics.

Introdução

[...] a paixão não tem lugar na sala de aula (HOOKS, 2019, p. 146).

Quando adentramos no campo da educação, quase que inflexivelmente somos incitados/as a seguir o destino de anular nossos corpos e atuarmos como espíritos descorporificados, sistemáticos e pseudocríticos nas salas de aula e/ou nas pesquisas acadêmicas. Ao relegarmos o potencial do eros e do erotismo nas práticas pedagógicas a abordagens pontuais, objetivas e em ambientes formalizados, estaremos abrindo espaços para racionalidades “que permitem o controle minucioso das operações do corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 135) baseadas no “temor de que a presença de sentimentos, de paixão, possa impedir uma consideração objetiva dos méritos de cada estudante” (HOOKS, 2019, p. 154).

Os processos disciplinares (FOUCAULT, 2014) aprofundam insistentemente as fatorias relações de docilidade-utilidade no chão da escola, como também “fabrica modos de viver, conhecer e compreender as relações de gênero, corpo, nudez e sexualidade” (SILVA; SALES, 2018, p. 283), produz isolamentos, reforça valores coloniais (epistemicídio) e estereótipos, a exemplo da visão utilitária dos corpos e dos gêneros pelo biopoder (DUTRA *et al.*, 2019). Do mesmo modo, os processos disciplinares influenciam na livre circulação de currículos culturais, com suas sutis pedagogias produtivo-massificadoras de subjetividades e modos de existência (SILVA; SALES, 2019).

Em outras palavras, reiteramos constantemente uma educação cuja “finalidade de transformação da alma e do comportamento” se dá a partir do disciplinamento das experiências (extra)corporais/sensoriais/emocionais (FOUCAULT, 2014, p. 122). As subjetividades produzidas pelas estratégias coercitivas da educação implementada diariamente em escolas e outros espaços, em sua maioria, temem sentir desejos e paixões, mais ainda, acreditam que as “novas” presenças estranhas no contexto escolar e nos ciberespaços invalidam e poluem os princípios institucionais de neutralidade, estabilidade, objetividade e a racionalidade científico-pedagógica das mesmas instituições.

Todavia, se existisse um currículo capaz de resumir o que aprendemos na sala de aula e as consequências de experimentar(-se) no terreno das escolas, uma parte dele não só denunciaria que sempre estivemos longe da hipótese repressiva, isto é, de que foi negada a economia e os efeitos das paixões, dos sexos, das sexualidades, dos corpos, dos gêneros, das atrações e dos desejos em nossas vidas, como também temeria o contra efeito resultante da interdição dos discursos sobre as diferenças (PRECIADO, 2011) no campo escolar, pois a “censura [...] constitui-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos,

susceptíveis de funcionar e de serem efeito da sua própria economia” (FOUCAULT, 2021, p. 26).

Sendo assim, assumir que questões como estas – das diferenças – não se configuram como um campo de tensão para alguns setores sociais e/ou ligados a política educacional do Brasil desde 2003, é não estar a par da existência “de uma avalanche de ideias reacionárias que buscam inundar a todos e todas com moralismo, divisões naturalizadas, identidades fixas, generificações hierárquicas, silêncios interessados, ódios destruidores, omissões desastrosas, retrocessos inaceitáveis” que se faz uma ameaça centralizadora gradativamente popularizada sob o nome “ideologia de gênero” (DINIS; PAMPLONA, 2014; PARAÍSO, 2018, p. 25). Logo, vivemos em um tempo que “a vocação normatizadora da educação vê-se ameaçada” pelo acirramento dos desafios em lidar, compor e aprender com as “novas” práticas, com os sujeitos, com as subjetividades e com os modos de vida que adentram nas salas de aula, nos conteúdos educacionais, nas salas de bate-papo, nas abas de comentários de redes sociais e subvertem as fronteiras socialmente estabelecidas ou docilmente aceitas (LOURO, 2020, p. 27).

O gradual rompimento com as táticas de vigilância utilizadas minuciosamente para assegurar o isolamento das “comunicações perigosas” (FOUCAULT, 2014, p. 141), torna cada vez mais reverberantes as manifestações das diferenças – étnico-raciais, de gênero, sexuais, etc. – promovendo, assim, diversas transformações curriculares e, desse modo, as escolas passam por iniludíveis reordenamentos de suas relações de poder-saber (PRECIADO, 2011; SIBILIA, 2012) que são, muitas vezes, expressas por meio de ações desconfortáveis (COSTA, 2021) ou de estranhamentos dos currículos (UNGER; CARDOSO, 2021). Mas também podem ser manifestadas por concepções como o espaço escolar enquanto uma encruzilhada cultural (CANDAU, 2008), de compromisso político pautado nas transformações longe dos procedimentos de vigilância e dominação (HOOKS, 2013), de espaço germinativo de rupturas com a normatização (ROCHA; DIAS, 2022), de escuta e aproximação com a natureza (PAGAN, 2018), de acolhimento (PARAÍSO, 2018), etc.

Marcos como estes modificam agendas educacionais, roteiros, currículos e fazem despertar diariamente alguns desejos estranhos³, (des)identidades de resistência a uniformização cultural (CANDAU, 2008) ou contracondutas (“no sentido de luta contra os

³ “Desejos estranhos” é uma expressão que se refere aos “modos de vida” que foram inassimilados pelos processos educacionais e biológicos tradicionais (SIBILIA, 2012, p. 15). Esses desejos estranhos são muitas vezes ocultos das descrições da natureza e reforçam a cultura dominantes na busca para reiterar a cisheterossexualidade como o regime político dos corpos, dos sexos (PRECIADO, 2011). Esses desejos também são os “desejos adormecidos” presente no título do trabalho, que se refere as performances, transições, expressões de animais, vegetais e microrganismos escondidos ao longo do tempo por cientistas em suas notas de campo.

procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (FOUCAULT, 2008, p. 266)), seja nos convencionais ambientes de educação ou nos mais diferentes espaços que tenham a finalidade de produzir sujeitos e posicionamentos, a exemplo do Youtube. Portanto, iremos discutir sobre algumas necessidades que se configuram como armas lentamente forjadas em um campo específico da educação, que operam no entorpecimento das paixões ou desejos em seus discursos e assim encobrem as manifestações das diferenças nas chamadas Histórias Naturais, constituindo, assim, uma “zona perigosa” dentro da política geral do conhecimento biológico e dos ideários classicista e civilizatório das escolas (FOUCAULT, 2021; SIBILIA, 2012), desse modo, apresentamos um impasse bastante contemporâneo acerca dos regimes de verdade em que anormalidades se encontram rodeadas na cibercultura.

Assim, os conhecimentos advindos do campo da biologia, em especial os discursos ligados ao estudo dos comportamentos sexuais na natureza, de modo geral são produzidos e fundamentados nas observações e detalhamentos em notas de campo. Muitas dessas notas de campo demonstram o caráter ficcional das normas sociais binárias sendo aplicadas as descrições da natureza, o que Preciado (2011) consideraria como integrante do cálculo da sexopolítica. Segundo Milam (2021), temos um passado científico que ritualiza e usa táticas de encobrimento para neutralizar ou manter adormecidas as manifestações *queer* na natureza e assim assumir a heterossexualidade não como uma prática, mas como um regime político (PRECIADO, 2011).

Posto isso, trazemos também a noção de Ferraro (2020) quanto a questões da instrumentalização negativa e da ingenuidade no que se diz respeito a compreensão discursiva das ciências para problematizar uma razão, por exemplo, que considera a homossexualidade, “os drag kings, as gouines garous, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues...” como uma mutação degenerativa nas populações ou algo que levaria o desaparecimento das espécies (MILAM, 2021; PRECIADO, 2011, p. 16). Por compreendemos que tal abordagem rememora um passado teológico naturalístico que insiste em deixar suas marcas na contemporaneidade, principalmente quanto a desqualificação do que há de mais material na natureza, a biodiversidade (FIRMINO; ECHEVERRIA, 2021), no sentido da *Pedagogia queer* (COSTA, 2021), as potencialidades da vida ou diferenças, trazemos a presente noção para desafiar o dispositivo da identidade, os binarismos e apontar as coerências forjadas num tecido governamental cisheteropatriarcal, que coloca as diferenças sexuais e de gênero em termos codificados, espacializados e impõe um certo direcionamento do que, onde e como ensinamos/aprendemos sobre os desejos na natureza.

Todas essas inquietações ganham mais potencialidade quando manifestamos a necessidade de problematizar o conhecimento biológico que é (re)produzido nos currículos de vídeos do Youtube a partir da perspectiva pós-crítica e assim compor, incitar ou imaginar modos de ser, estar e agir longe das dinâmicas punitivas, cisheterossexuais ou da culpa – *Pedagogia queer*. A vista disso, consideramos o currículo como espaços políticos, de agenciamento ou “um artefato cultural que produz modos de existência e é capaz de multiplicar sentidos, saberes e resistências criativas” (COSTA, 2021; PARAÍSO, 2012; SILVA; SALES, 2019, p. 1480). Logo, e fazendo jus a perspectiva, compreendemos que os currículos que escapam da formalização educacional, isso inclui os currículos de vídeos do Youtube, também são potencialmente capazes de nos ensinar formas de como viver e pensar, muitas vezes alinhadas ao regime de cisheterogovernamentalidade. Em outros termos, o conhecimento não está mais restrito às tradicionais salas de aula ou às falas docentes (SILVA; SALES, 2019), com as tecnologias digitais na chamada cibercultura (LÉVY, 1999), as relações tornaram-se mais produtivas e desempenham um papel central nas sociedades atualmente.

Os ciberespaços e as experiências deles advindas amalgamam-se com outras possíveis conexões para construir diferentes subjetividades e modos de vida, ou como assume Sibília (2012, p. 127), produzir corpos que apesar de “criativos, autônomos e extraordinários” estão vigorando em uma dinâmica *coaching* ou de adestramento para “formação integral” do/a futuro/a cidadão. Com isso, chegamos a uma importante pergunta de pesquisa: *Como os desejos da natureza são representados no currículo de vídeos do Youtube?* Para tanto, usaremos como guia autores e autoras que, com base nos seus problemas-chaves de pesquisa, buscam possibilidades de *devenir* na educação e no pensamento biológico, na qual podemos destacar Joan Roughgarden, Catriona Mortimer-Sandilands, Judith Butler, Paul Preciado e Michel Foucault.

Ao falar sobre educação ou as relações de poder que ocorrem nos vídeos da plataforma Youtube, semelhante ao que é realizado por Silva e Sales (2019), somos guiados/as a compreender as dinâmicas ali expostas com base na noção de currículo cultural, devido ao seu potencial de estabelecer significados, valores e formas de ver e compreender a vida desarticuladas, em partes, das instituições escolares. Portanto, os currículos analisados no presente trabalho constituem igualmente a indústria cultural, pois nestes locais os saberes ali acionados são constituídos pelas demandas por modos de subjetivação padronizados, pelo favorecimento de determinados tipos de conhecimentos/culturas e pela autorização de pontuais condutas e discursos. Após notar que esses currículos do Youtube são progressivamente requeridos na sociedade de forma geral, seja com interesses educacionais ou não, então fomos

motivados/as a questionar esse espaço e, de acordo com Karat e Giraldi (2019), muitas desses vídeos que trazem conteúdos de biologia contribuem para reiterar as perspectivas dominantes e acríicas de ciência, além de não contribuírem com as inovações tanto teóricas, quanto práticas esperadas para o espaço em que está sendo veiculado essas informações.

Tais afirmativas estabelecem um espaço de possibilidades de contato entre autores/as, pensamentos e correntes epistemológicas insurgentes ou de uma composição que se faz *queer* para o presente momento, a fim de viabilizar ou manifestar as táticas de ocultação das diferenças nos currículos de vídeos acerca da biologia e de fazer acordar aquelas formas de vida aberrantes, ou seja, formas de vida animais, vegetais ou microrganismos, que tiveram suas existências abjetificadas⁴ e suas possibilidades de existência tomadas por discursos que encobrem a materialidade dos gêneros, corpos e sexualidades na natureza, e todo esse percurso nos coloca em consonância com o pensamento de Ferraro (2020, p. 172, grifo do autor) pois “toda a Biologia é *queer*”.

Os currículos de biologia presentes nos vídeos do Youtube, partindo da perspectiva queer de Ferraro (2020), constituem-se por uma problemática operacional referente à complexidade para adentrar na temática da construção das identidades de gênero e sexual longe da perspectiva de uma sociedade patriarcal, colonialista, cisheteronormativa e binária. Assim, boa parte da chamada instrumentalização negativa e da ingenuidade discursiva corroboram para a abjetificação de corpos humanos e não humanos e para a proliferação discursiva de crenças fundamentadas no determinismo biológico e na teologia natural. Por fim, a presente proposta é uma abordagem Frankensteiniana (MORTON, 2010) e contraprodutiva (CANDIOTTO, 2021) para reivindicar por um currículo de biologia que leve em consideração as variações que foram escondidas em inúmeras notas de campo e colocar o pensamento biológico em um campo pedagógico queer. Em outros termos, pretendemos tencionar um currículo de biologia em livre circulação que vigora nas ininterruptas engrenagens da normatização cisheterocentrada.

Esse artigo é constituído de uma sessão Introdutória, na qual vocês acabaram de ler, nela mostramos um pouco do concatenamento de pensamentos que nos levaram a pesquisar sobre *Os desejos adormecidos nas notas de campo* e suas relações com a cibercultura. Em seguida, a

⁴ Na perspectiva queer, o abjeto refere-se a tudo aquilo que é marginalizado, excluído ou considerado socialmente repugnante devido a sua divergência das normas e padrões dominantes de gênero, sexualidade e identidade. Isso pode incluir corpos e identidades não normativas, expressões de gênero e sexuais não binárias e outras formas de existência que desafiam as normas estabelecidas. O abjeto é frequentemente associado a sentimentos de repulsa, medo ou aversão que são socialmente construídos e perpetuados. Essa compreensão do abjeto é essencial para a análise crítica das estruturas de poder e a luta por uma sociedade mais inclusiva e respeitadora da diversidade (BUTLER, 2020; LOURO, 2020).

sessão II, será apresentado uma pequena abordagem metodológica dos estudos netnográficos. A sessão III está dedicada ao desenvolvimento dos questionamentos de alguns vídeos do Youtube, mais conhecidos como Tinder da Natureza. Para concluir, a sessão IV se dá com o objetivo de (des)educar por meio dos currículos de biologia, seja no Youtube, nas salas de aula ou em qualquer outro local.

Abordagem Metodológica

“Considero que o currículo deve ser um território para hospedar as diferenças, afirmar a vida e multiplicar os encontros que nos fazem desejar e expandir” (PARAÍSO, 2018, p. 24), no entanto, como expressar forças tão produtivas em termos tradicionais de pesquisa? Se “o tempo presente é composto por elementos diversos, advindos de diferentes matrizes, em que a cibercultura produzida no ciberespaço exerce um papel importante na constituição de modos de existência juvenis” (SALES, 2012, p. 111).

A vista disso, para realização da presente pesquisa, compusemos um caminho próprio de investigação, inspirado principalmente nos trabalhos netnográficos de Sales (2012), Silva e Sales (2018, 2019) e na pesquisa sobre currículos de sites de relacionamentos realizado por Ribeiro e Fonseca (2018). Esses trabalhos estão reunidos dentro do que se chama de “terreno das pesquisas pós-crítica” e das suas fortes tendências a “transgressão de alguns cânones metodológicos” (SALES, 2012, p. 111).

A netnografia deriva diretamente dos métodos antropológicos modernos de investigação sobre o conhecimento humano (cultura e comunidades), a etnografia. A netnografia surgiu como uma forma de acompanhar a velocidade da socialização humana potencializadas pelo uso de tecnologias e da internet. Subversiva desde sua origem, essa metodologia considera significativas as experiências sociais que acontecem nos ciberespaços e potencializa nossa “capacidade de aplicar determinados instrumentos e técnicas analíticas” (KOZINETS, 2014, p. 13).

Dessa forma, a presente pesquisa se faz uma contraconduta, ou seja, resistência à governamentalidade (CANDIOTTO, 2018) no pensamento biológico e atravessa diversas questões éticas para queerlizar (OLIVEIRA, 2016) nas pesquisas em educação e assim expor um caráter normatizador que pode emergir em vídeos do Youtube. Foi selecionado, então, três vídeos que discutem sobre os desejos na natureza, uma vez que esse(s) artefato(s) cultural(is) “é constituído por regimes de verdade, ordens discursivas, constituição dos sujeitos e relações

de poder” (SILVA; SALES, 2018, p. 282) que torna possível analisar como é produzido e divulgado esses desejos nos currículos de vídeos do Youtube.

A investigação está baseada na observação de vídeos e na análise das falas e conteúdos, isso inclui imagens e outros recursos utilizados para expressar os pensamentos, capturas de tela, leitura de comentários, direcionamentos para outros vídeos relacionados e número de visualizações de três vídeos chamados de Tinder da Natureza (Figura 1), publicados pela canal Meteoro Brasil.

Este canal apresenta mais de 1,60 milhões de inscritos e em média 60 mil espectadores acompanharam a trilogia de vídeos sobre os desejos na natureza. Quando comparado às taxas de acesso e recorrência de brasileiros/as a plataforma Youtube, conseguimos compreender a potencialidade que as informações conseguem alcançar em tempos de fluidez como o que vivemos. Nesse cenário, o Brasil é um dos países que se destaca em número de acessos ao site em todo mundo diariamente, e seu público, considerado jovem, está numa faixa de idade de 18 a 35 anos.

Figura 1 – Conjunto de vídeos intitulados “O Tinder da Natureza” do canal Meteoro Brasil, neles são veiculadas informações acerca dos desejos e possíveis *matches* em ambientes naturais.



Fonte: Captura de tela do autor (2023)

O tratamento dos dados coletados através da netnografia envolveu a análise discursiva baseada nas ideias de Michel Foucault e de outros pensadores e pensadoras que se relacionam com o objetivo da pesquisa. O discurso, por sua vez, é entendido como uma prática produtiva que fabrica verdades, saberes e subjetividades. Assim, o trabalho analítico e descritivo dos

dados tem a intenção de “atentar para os mecanismos e efeitos de poder em diferentes domínios e extensões” (SALES, 2012, p. 126).

Na pesquisa em questão, o objetivo é descrever⁵ as condições de existência dos desejos nos currículos do Youtube e compor possibilidades para enxergar outras perspectivas distante daquelas cisheterocentradas presentes nas descrições da natureza. O tratamento dos dados coletados pela netnografia, portanto, envolve uma análise crítica e reflexiva dos discursos presentes nos vídeos do Youtube para entender como são construídas as verdades, saberes e subjetividades que se relacionam com os desejos na natureza.

Sobre O *Tinder* da Natureza

Para você vai esta mensagem
E não é por mim
Eu estou velho
E sua utopia é para as futuras gerações
Há tantas crianças que nascerão
com uma asinha quebrada
E eu quero que elas voem, companheiro
Que sua revolução
Lhes dê um pedaço de céu vermelho
Para que possam voar.
(LEMEBEL, 1986)

Uma *pedagogia queer* (COSTA, 2021) também se faz uma *pedagogia engajada* (HOOKS, 2013, p. 15), em razão do compromisso político que é pensar possibilidades para uma educação longe do reforço a estereótipos, da exclusão ou das inúmeras formas de dominação governamentais e biopolíticas, em outras palavras, “o ensino e a experiência de aprendizado poderiam ser diferentes” e compor fluxos outros de pensamentos sobre os desejos, corpos, gêneros e sexualidades na natureza. Logo, quando nos perguntamos como os dados coletados em vídeos do Youtube mostram os pontos de contribuição do pensamento biológico para (re)produção da cisheteronormatividade, podemos perceber que, como um dispositivo, sua função está longe de possibilitar uma mera reiteração dos discursos dominantes, “mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2021, p. 116).

Assim, nos currículos do *Tinder* da Natureza são acionadas diferentes tecnologias de controle que nos fazem insistentemente conceber a produção do sexo, sexualidades, gêneros,

⁵ Será descrito apenas os resultados principais de maneira concatenada ao pensamento de Michel Foucault e outro autores e autoras devido ao espaço permitido para publicação no evento e ao fato do presente artigo ser um recorte de uma pesquisa maior que iniciou em agosto de 2021 e está em processo de finalização (escrita).

desejos, diferenças corporais, reprodução sexuada, possibilidades de reprodução, monogamia, comportamentos femininos como “dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque” (FOUCAULT, 2021, p. 115). Contudo, “como em todo currículo, o que se ensina é aprendido de diferentes formas, pois nos constituímos de diferentes maneiras por meio dos processos de subjetivação” (RIBEIRO; FONSECA, 2018, p. 301). Desse modo, queremos dizer que, semelhante a Jan Zita Grover em “*AIDS e outros desmatamentos*”, focamos nas dimensões das sensações e das experiências que nos fazem perceber, mesmo em histórias sobre a natureza, a aplicação da cisheteronormatividade binária, da violência, dos desafios e abjetificações. Desse modo, não cabe apenas demonstrar como as experiências individuais, no entanto contingenciais, de uma POC⁶ do agreste sergipano, estudantes e professores/as de Ciências e Biologia culminaram em um “tipo bastante particular de percepções sobre vida, morte, corpo e natureza”, trata de expressar e assim manifestar uma “escrita que intensifica o agora” (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020, p. 2) e o que Mortimer-Sandilands (2011, p. 176) chama de *sensibilidade ecológica queer*.

Gostaríamos, antes de aprofundar as discussões sobre os vídeos em si, falar sobre o canal Meteoro Brasil e assim compor soluções éticas e contemporâneas necessárias para pesquisas Netnográficas. O objetivo deste texto não é culpar os materiais produzidos e divulgados pelo canal por produzir sozinho mais normalização e conduzir as formas de subjetivação a um determinado fim (PRECIADO, 2011), mas sim apresentar uma crítica aos mesmos materiais e perceber que o poder emana de qualquer situação relacional (FOUCAULT, 2021). Nesse sentido, nosso objetivo é tornar conhecido um tipo de racionalidade biológica outra, que divide opiniões, dilacera tradições científica e possibilita as condições para existência de tantas crianças com asas quebradas, assim como eu fui, nos currículos educacionais e culturais. Para isso, buscamos analisar o que Foucault (2021) considera como discurso:

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez de uma vez por todas ao poder, nem oposto a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escore, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barra-lo” (FOUCAULT, 2021, p. 110).

Então preocupa-nos

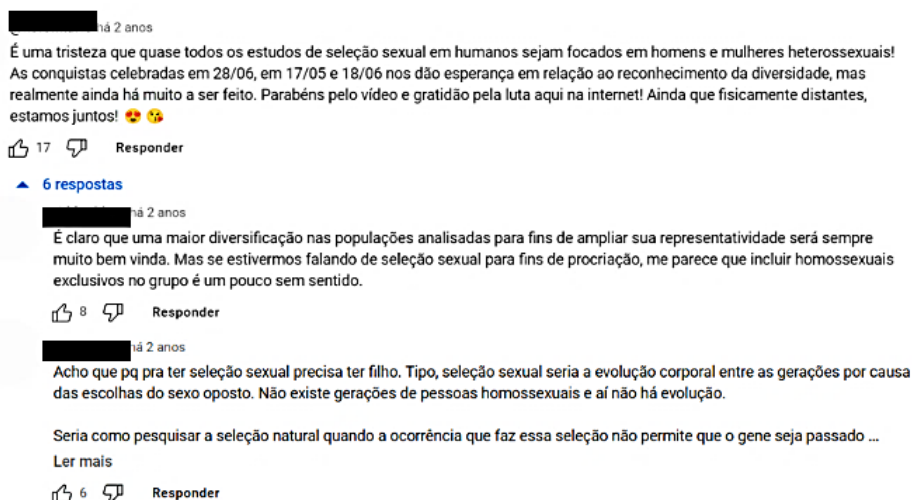
⁶ Em uma linguagem de rua ou baseada na minha regionalidade como uma pessoa nordestina, “POC” significa Bicha Pão com Ovo, ou seja, comum e afeminada.

o que admite em coisas ditas e ocultas, em enunciações exigidas e interditas; com o que supõe de variantes e de efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra; com o que comporta de deslocamentos e de reutilização de formulas idênticas para objetivos opostos” (FOUCAULT, 2021, p. 110).

Baseado nas ideias de Joan Roughgarden (2013) e na sua contestação pública ou manifestação em 2003 contra a teoria da seleção sexual e suas limitações teóricas e práticas, procuramos nos vídeos do currículo do *Tinder* da Natureza uma diversidade de expressões de desejo, gêneros, sexualidades e possibilidades de conexões como aqueles descritos em *Evolution's Rainbow* e em tantas outras obras. Por se tratar também de um currículo do *Tinder*, que pode ser definido como *site* ou aplicativo que possibilita o contato a partir do desejo, o estabelecimento de relações ou encontros que atualmente permite compor diversos tipos de conexões dentro da cisgêneridade compulsória, era esperado uma múltipla “possibilidade de fuga ao enquadramento, mesmo quando pareciam encerradas nele”, “forma de experimentação, de ruptura com o instituído, de invenção insubordinada à heteronormatividade” (RIBEIRO; FONSECA, 2018, p. 320), no entanto, as “normas são divulgadas, posições de sujeito são demandadas” (p. 300), “sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores” que “instituem e mantem relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, práticas sexual e desejo” (BUTLER, 2020, p. 43).

Assim, quando indagamos sobre o que os currículos do *Tinder* da Natureza nos ensinam, podemos assim compreender alguns desses movimentos ou relações de poder e saber que levaram, por exemplo, as homossexualidades, lesbianidades, intersexualidades, travestilidades, transexualidades, comportamentos sexuais e performativos não heterossexuais a face do desaparecimento nos relatos sobre a natureza. Os vídeos, por si só, oferecem dados bastante valiosos sobre a percepção dos/as produtores/as sobre o regime de verdade que instauram e reproduzem sobre o pensamento biológico, todavia, os comentários dos/as inscritos que mostram como o currículo é entendido e demonstra quais sujeitos e posicionamento são construídos a partir do aprendizado de casos científicos, como a seleção sexual e a possibilidade de reprodução no Reino Animal. Desse modo, o currículo do *Tinder* da Natureza apresenta modos para resistir a sexopolítica empregada no roteiro dos vídeos, não sem embates e enfrentamentos, como também permitem expressar que “os organismos fluem além dos limites de qualquer categoria que construímos. Em biologia, a natureza abomina categorias” (ROUGHGARDEN, 2013, p. 32, tradução nossa) (Figura 2).

Figura 2 – Reivindicações identitárias de reconhecimento acionam tecnologias de controle e moralização sobre a seleção sexual para estabelecer um não lugar aos desejos homossexuais



Fonte: Captura de tela do autor (2023)

As tecnologias de controle acionadas pelos usuários/as, com base no pensamento biológico, criam um não lugar para performances homossexuais dentro do que se chama de História Natural e evolução. No embate acima, um usuário assume que é “triste” a maioria das referências sobre seleção sexual são serem destinadas aos casais heterossexuais. O que chamamos de estratégia assimilacionista, uma vez que ele busca espaços de reconhecimento (LOURO, 2020). No entanto, as tecnologias da moralização (SILVA; SALES, 2018) são acionadas sutilmente como respostas do primeiro comentário, sendo explicitado que apesar de ser importante haver representatividade das diferenças em diversos ambientes, inclusive em vídeos do YouTube, não existe espaço para homossexuais nas teorias evolutivas, o que é evidenciado no trabalho de Milam (2021). No caso mostrado, homossexuais ou espécies que praticam relações sexuais com o mesmo sexo, como *Tityus serrulatus* (escorpiões), não podem reproduzir de acordo com a ingenuidade discursiva (FERRARO, 2020) dos usuários que de alguma forma é somado ao que é passado no currículo em questão. Diante disso, a culpa “pode ser acionada como uma técnica de poder quando as prescrições da moral não são seguidas pelo sujeito” (SILVA; SALES, 2018, p. 285).

Desse modo, a verdade sobre as expressões ou efeitos do desejo no currículo do *Tinder* da Natureza “é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes” (BUTLER, 2020, p. 44). Assim, os desejos e comportamentos produzidos e divulgados no currículo analisado fazem acreditar que a heterossexualidade é algo dado. Apesar dos/as narradores/as falarem sobre um

recorte para os seres multicelulares, especialmente animais vertebrados, todos os casos retratados demonstram um limitado número de *matches* que são possíveis na natureza, como assumido também na Figura 2, contribuindo para a naturalização dos comportamentos sexuais somente na esfera binária da heterossexualidade, pois “a categoria do sexo, tanto masculino como feminino, é produto de uma economia reguladora difusa da sexualidade” (BUTLER, 2020, p. 45).

Segundo Mendenhall *et al.* (2020), existem na natureza cerca de 700 espécies conhecidas de vertebrados que se transicionam dentro das categorias do sexo biológico ou identidade de gênero. Desse modo, se faz necessário uma reestruturação dos conhecimentos expostos, trazendo casos e aberturas para performances que fogem dos pressupostos da cis-hetero-governamentalidade e manifestem a subversão *queer* (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020).

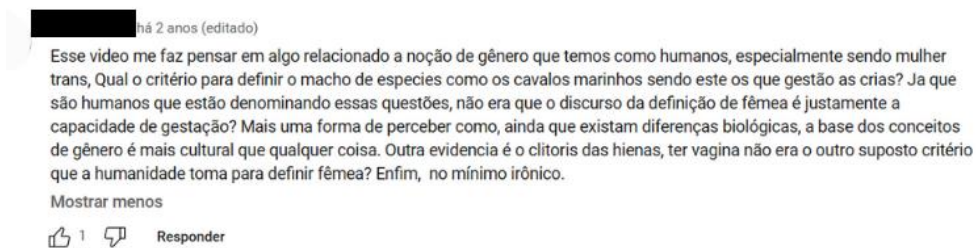
A reprodução sexual, o sexo e o corpo sexuado de forma geral, segundo alguns escritos sobre Darwin e no currículo do *Tinder* da Natureza, foram negociadas a preços muito altos, gerando um referencial para a regulação da sexualidade em humanos e principalmente dos corpos das fêmeas, de modo que somente a união monogâmica e o acoplamento machos/fêmeas encaminhava a espécie ao sucesso reprodutivo e evolutivo. Desse modo, Darwin acabou moldando sua teoria para atender as demandas morais de uma sociedade burguesa e vitoriana, submetendo aquelas performances longe da cisheteronormatividade a uma condição de não lugar ou como “desajustes de desenvolvimento, falhas reprodutivas e retrocessos sexuais evolutivos” (BROOKS, 2021, p. 326).

Os reflexos das formulações de Darwin são sentidos sutilmente na contemporaneidade, por exemplo, quando Mendenhall *et al.* (2020) dizem que em exposições em museus de História Natural, animais machos são mostrados em posições de destaque em relação as fêmeas, mesmo apresentando performances naturais em vida que não são condizentes com os comportamentos retratados, isso demonstra uma intensa (re)inscrição das categorias de gênero e sexo nas antigas formulações da heterossexualidade normativa e todos esses posicionamentos, de alguma forma, contribuem para naturalizar a violência contra mulher ou misoginia. Os mesmo autores e autoras dizem que essas representações, mesmo dentro dos museus e seus papéis na divulgação da biodiversidade, obscurecem histórias naturais sobre não-binaridades e assexualidades, por exemplo, os dinossauros (os fósseis não conservam características sexuais).

Formular hipóteses sobre o porquê da “maioria das sociedades vem estabelecendo a divisão masculino e feminino como uma divisão primordial” (LOURO, 2020, p. 70), nos faz

recorrer a processos bem mais antigos que a própria cultura humana. A natureza como algo primordial e que, na atualidade, é tida como referência para questões sociais, na verdade está impregnada pelo que Butler (2020, p. 43) chama de “normas de inteligibilidade socialmente instituída e mantida”. Sendo assim, muitas pessoas, inclusive aquelas de demonstram conhecer conceitos importantes como gênero, não percebem que até mesmo a natureza é materializada segundo as regras contingenciais e históricas nas diferentes sociedades (Figura 3).

Figura 3 - O gênero é tido como um conceito que somente apresenta possibilidades de explicação dentro da esfera cultural, consequentemente Biologia fica encarregada de produzir os discursos sobre o sexo e as explicações sobre os desejos na natureza



Fonte: Captura de tela do autor (2023)

Não que os diferentes seres vivos não possam ser referência para nós humanos, no entanto, nossa proposta é a (des)identificação estratégica que permite fugir das práticas reguladoras que conduzem a uma matriz de normas não apenas de gênero, como retratado acima, mas nos fazem perceber a

heterossexualização do desejo [...] institui a produção de oposições discriminatórias e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que esses são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidades’ não possam ‘existir’ (BUTLER, 2020, p. 44).

Em suma, a discussão sobre a identificação com seres não humanos e a possibilidade de (des)identificação estratégica traz à tona a importância de se questionar as relações de poder e regulação presentes em nossa sociedade. A heterossexualização do desejo e a matriz cultural que define a inteligibilidade da identidade de gênero são exemplos de como certos tipos de identidades são reprimidos e excluídos. Nesse sentido, é fundamental buscar uma compreensão crítica e reflexiva sobre as normas e padrões que nos são impostos, a fim de promover aberturas curriculares e a proliferação das diferenças. Como argumentado por Foucault (2014), a resistência pode se manifestar de diferentes maneiras, inclusive por meio da (des)identificação

estratégica, que desafia as normas e abre espaços para a expressão de outras formas de ser e de existir.

Considerações finais

A partir da análise no ciberespaço dos currículos do *Tinder* da Natureza e das discussões teóricas de Joan Roughgarden, Michel Foucault e Judith Butler, torna-se evidente a necessidade de abrir espaços curriculares dentro do conhecimento biológico que não sejam regidos pelas dinâmicas punitivas e culpabilizantes da cisheteronormatividade. Os conhecimentos divulgados nos currículos analisados reforçam a heterossexualização do desejo e a matriz cultural que exige que certos tipos de identidades não possam existir. Desse modo, esses currículos acabam por credibilizar movimentos conservadores, como o discurso religioso e a “ideologia de gênero”, que buscam restringir de diversas formas as possibilidades de expressão e de (des)identificação de gênero e sexualidade, como também os desejos. Portanto, é importante experimentar outras possibilidades de desejos na natureza, fazendo assim acordar aqueles desejos que foram deixados adormecer na temporalidade das notas de campo e no medo pelo que há de mais material na natureza: as diferenças.

REFERÊNCIAS

BROOKS, R. Darwin's closet: the queer sides of *The descent of man* (1871). **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 191, p. 323–346, 2021. Disponível em: <https://academic.oup.com/zoolinnea/article/191/2/323/6075648>. Acesso em: 17 out. 2022.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, J. A. O que é pedagogia queer? In: NASCIMENTO, A.; SANTOS, E.; MELO, I. COSTA, J. A.; FILHO, J.; RODRIGUES, W. (org.). **Genealogias queer**. Salvador: Devires, 2021.

DINIS, N. F.; PAMPLONA, R. S. “Encontrando Bianca”: discursos sobre o corpo-travesti. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2 (74), p. 217-236, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/3fgHdwyztbT47rzqsgWSPf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.

DUTRA, D. S. A. *et al.* Educação em ciências e decolonialidade: Em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, B. A. P. (org.). **Decolonialidades na Educação em Ciências**. São Paulo: Livraria da Física, 2019.

FERRARO, J. L. Toda a Biologia é queer: subjetivação e diversidade. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 26, n. 1, p. 172-188, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/29804>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FIRMINO, S. G.; E ECHEVERRÍA, A. R. O ensino de biologia como justificação para negação e desqualificação da materialidade de corpos, gêneros e sexualidades no contexto escolar. **Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio**, v. 14, n. 1, p. 172-191, 2021. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/559>. Acesso em: 17 out. 2022.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. Eros, erotismo e o processo pedagógica. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

KARAT, M. T.; GIRALDI, P. M. A origem da vida: uma análise sobre a natureza da ciência em um vídeo educativo do Youtube. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 178-193, 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/9399/6939>. Acesso em: 18 jun. 2022.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMEBEL, P. **Manifesto (Falo pela minha diferença)**. Tradução: Alejandro Rojas C. Santiago do Chile: Revista Rosa, 1986.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

MENDENHALL, C. D. *et al.* Diversifying Displays of Biological Sex and Sexual Behaviour in a Natural History Museum. **Museum International**, v. 72, n. 1-2, p. 152-16, ago. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13500775.2020.1806597>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MILAM, E. The evolution of Darwinian sexualities. **Cambridge University Press**, v. 6, p. 133-155, jul. 2021. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/bjhs-themes/article/evolution-of-darwinian-sexualities/7754D924656733682771BAC1192B527E>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MORTIMER-SANDILANDS, C. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 175-195, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/57C8xvPpYQ8jZ37wqZZHjtJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MORTON, T. Guest Column: Queer Ecology. **Cambridge University Press**, v. 125, n. 2, p. 273-282, mar. 2010. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/pmla/article/abs/guest-column-queer-ecology/1EF919CB20FEC2B18F7B76CFCF7DC4E1>. Acesso em: 18 jun. 2022.

OLIVEIRA, T. R. M. Sobre a Bicha do Bem: queerizar a ética da pesquisa em educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1229-1250, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/LG9hDh7H69CqMyckwQmFrjw/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PAGAN, A. A. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 7, n. esp., p. 73-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/26530/17169>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PARAÍSO, M. Fazer do Caos uma Estrela Dançarina no Currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAISO, M.; CALDEIRA, M. C. S. (org.). **Pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

PARAÍSO, M. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-46.

PRECIADO, P. B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.

RIBEIRO, V.; FONSECA, I. A. T. No currículo de um *site* de relacionamento: mulheres que desejam mulheres criam um modo de vida fora do armário. In: PARAISO, M.; CALDEIRA,

M. C. S. (org.). **Pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

ROCHA, K. A.; DIAS, A. F. Outstanding Literary Narratives: inspirations for educational (un)doings and queer methodologies. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. 00, e022138, Jan./Dec. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/download/17200/14450?inline=1>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ROUGHGARDEN, J. **Evolution's Rainbow: Diversity, Gender, and Sexuality in Nature and People**. 10. ed. Califórnia, EUA: University of California Press, 2013.

SALES, S. R. Etnografia+netografia+análise do discurso: articulação metodológica para pesquisar em educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SIBÍLIA, P. **Redes ou Parede: a escola em tempos de dispersão**. Tradução: Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: contraponto, 2012.

SILVA, L. C. S.; SALES, S. R. “Aquele tesão repentino por si mesma”: currículo da nudez autoexposta na produção de sexualidades e gênero na sociedade contemporânea interconectada. In: PARAISO, M.; CALDEIRA, M. C. S. (org.). **Pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

SILVA, L. C. S.; SALES, S. R. Corpo, Gênero e Sexualidade no Currículo da Nudez: entre denúncias e resistências. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1480-1501, out./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44643>. Acesso em: 18 jun. 2022.

UNGER, L. G. S.; CARDOSO, L. R. Da reprodução das ostras aos questionamentos do corpo sexuado. **Ambivalências**, v. 9, n. 17, p. 14-40, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/15784>. Acesso em: 10 jun. 2022.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75614>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não.

Financiamento: Não.

Conflitos de interesse: Não.

Aprovação ética: Sim. O trabalho não apresenta necessidade de autorização e análise por um comitê de ética, pois faz uso de dados públicos.

Disponibilidade de dados e material: Tinder da Natureza 1: (428) O TINDER DA NATUREZA: PARTE 1 - YouTube; Tinder da Natureza 2: (428) O TINDER DA NATUREZA: PARTE 2 - YouTube; Tinder da Natureza 3: (428) O TINDER DA NATUREZA: PARTE 3 - YouTube; Matéria: <https://www.tecmundo.com.br/internet/119776-youtube-insights-brasil.htm>

Contribuições dos autores: Artigo escrito por Matheus Reis Dantas como parte da sua pesquisa de Pós-graduação e orientada por Lívia de Rezende Cardos.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

